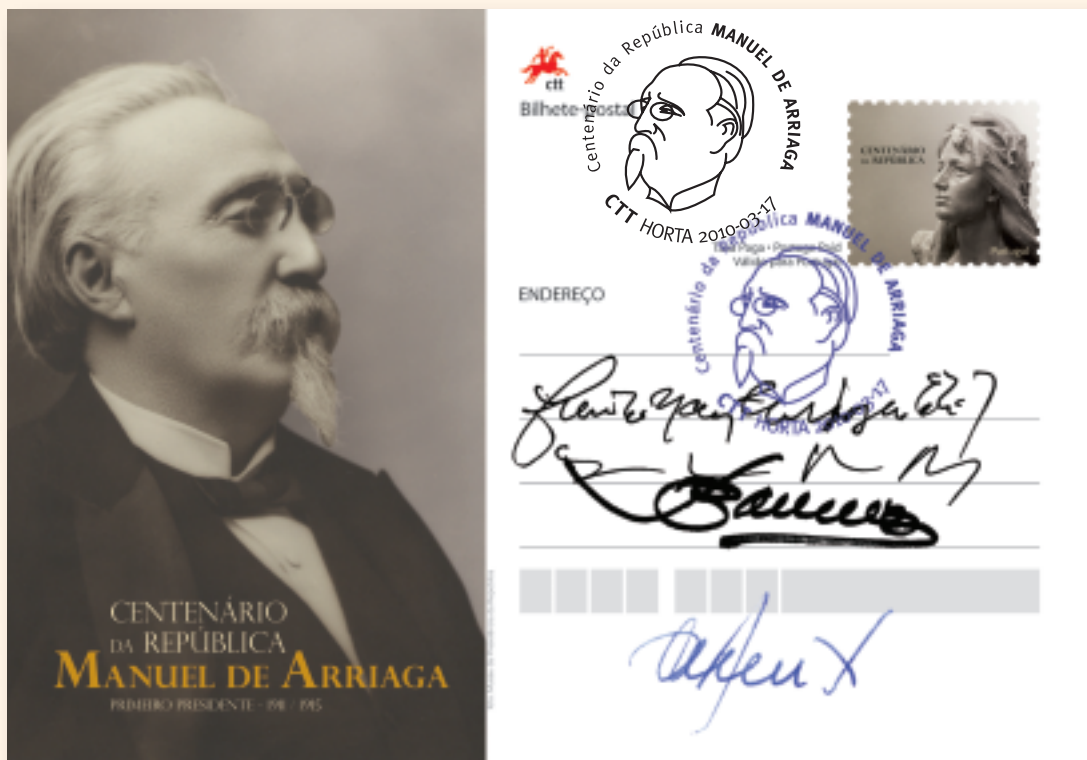




ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU DA HORTA



ARRIAGA NA FILATELIA DO CENTENÁRIO



Os CTT – Correios de Portugal editaram a primeira peça filatélica – *um inteiro postal*, alusiva ao Presidente Arriaga, lançada na cidade da Horta, em 17 de Março de 2010, no âmbito das comemorações do Centenário da República. Os primeiros postais, após o ritual filatélico do carimbo do 1.º dia, têm a assinatura do Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, do Vice-Presidente do Governo Regional, do Presidente da Direcção da Associação dos Antigos Alunos do Liceu da Horta e do representante do Conselho de Administração dos CTT nos Açores.

HISTÓRIAS DO MUNDO QUE PASSARAM PELO FAIAL



De novo se justifica a premência do apelo **para não deixarmos apagar as memórias**. Vem a propósito do património dos **passados** do Porto da Horta. Na grande baía e no porto artificial. Acrescentando memórias universais à vivência insular. Colocando o Faial nos primórdios da construção da sociedade global. Está em causa a organização historiográfica. A classificação patrimonial. A preservação de espólios. O tratamento museológico. A projecção de uma oferta de fruição cultural de grande singularidade.

Dos atrasos, o maior será certamente a falta de um grande projecto. Fixando objectivos, método e estratégias. Ambicioso e mobilizador. Que permita vencer etapas de modo sistemático. Aproveitando o sinal positivo da APTO (Administração do Porto) quando foi descoberto um espólio arqueológico sub-aquático. Reanimando a expectativa sobre um museu do porto.

Da participação cívica, recorda-se que os “Antigos Alunos” há 8 anos fazem da história do porto uma das referências da sua actividade. Convidaram o Director do Porto de então, em 2002, para um debate em Lisboa, na Casa dos Açores. Ficou a esperança. Afinal “o engenheiro tinha grande sensibilidade histórica”. Seguiram-se iniciativas variadas. Com diversas entidades (APTO, OMA, Clube Naval, Câmara do Comércio). Recordaram-se perdas. Recomendaram-se áreas a preservar. Expuseram-se ideias (as pinturas da marina no “Guinness Book”). Apresentaram-se pesquisas de Yolanda Corsepius (movimento do porto e nas “rotas de um bisavô”). Ouviram-se “coisas concretas”. Que armazéns históricos podiam albergar núcleos museológicos. Que se deveria evitar a perda dessa relíquia da arquitectura portuária, o armazém da “relva” (entrepósito comercial dos Dabney’s, 1.ª instalações da Western Union e, depois, base logística da Pan American). Que era muito importante um roteiro museológico do porto (ideia antiga do Padre Júlio da Rosa; actualmente projecto acolhido no âmbito da Universidade Sénior). Que era urgente salvaguardar os espólios de entidades públicas (APTO, Alfândega, Capitania, Obras Públicas, Rádio Naval, Museu, ...), privadas (Bensaúde, ...) e de particulares. Entretanto, foi possível iniciar a reflexão sobre o enquadramento conceptual de uma eventual candidatura a património da humanidade.

Também, o projecto em curso entre os “Antigos Alunos” e o Museu da Horta sobre o **tempo dos cabos submarinos** é um bom exemplo de trabalho conjunto, **para não deixarmos apagar as memórias**.

A ALFÂNDEGA NA HISTÓRIA DO PORTO DA HORTA



Segundo Marcelino Lima, nos Anais do Município da Horta, a ideia da construção de uma doca na baía da Horta foi lançada oficialmente pelo senador faialense José Curry da Câmara Cabral em 1839, voltando a ser objecto de interpelações dos deputados das legislaturas de 1858, 1860 e 1862, com destaque para a insistência do deputado Dr. Manuel Alves Guerra. Em 20 de Junho de 1864 foi promulgado o decreto que autoriza o Governo a mandar construir um porto artificial na baía da Horta no mais curto prazo possível, estabelecendo as fontes de financiamento do empreendimento. No art.º 3.º do mesmo diploma é definido que “Com a aplicação ao juro e amortização do empréstimo e para a própria construção da obra se pagarão os seguintes impostos:

1.º – 1 e 1/2 % sobre o valor da importação e exportação, salvo a laranja e os géneros que entrarem e saírem por depósito; 2.º – 200 réis sobre cada caixa grande de laranja que se exportar; 3.º – 1,5 % sobre os depósitos de azeite estrangeiro que se fazem na cidade da Horta; 4.º – 3 % sobre a contribuição predial, industrial e de registo; 5.º – 5% sobre cada 4.589 decigramas de carne verde; 6.º – os emolumentos que cobra a fazenda dos navios entrados na baía da Horta; 7.º – 10% do rendimento total das Alfândegas do distrito ocidental dos Açores”.

Decretada a lei sobre o financiamento da doca, só por portaria de 31 de Março de 1875 foi ordenado dar começo à obra que efectivamente aconteceu em 20 de Março 1876.

E, assim, começou a doca que veio colocar o Porto da Horta no topo da segurança dos portos açorianos.

Independentemente do que falta saber, e é muito, nesta caminhada desde o “achamento” da Ilha do Faial até aos nossos dias, o porto foi, e será uma parte importante da identidade faialense.

Das naus aos navios a vapor que vinham tomar carvão para concluir as viagens entre a Europa e a América ou que de lá regressavam ao Velho Continente, passando pelos navios de caça à baleia vulgo “os baleeiros”, o porto da Horta foi desempenhando a função que a sua localização lhe pedia, nesse transvazo de pessoas e gente com que se faz o progresso e se constroem e consolidam as civilizações. Foi a salvação, o abrigo e o descanso dos que sem ele não teriam conseguido levar a cabo as suas missões. Mais do que isso. Foi o centro da defesa naval dos Aliados quando quase todo o Mundo se mobilizou contra a horda nazi. Amparo dos primeiros passos de uma aviação que se afirmava, sempre no seu papel de ponto de socorro aos que durante as viagens adoeciam e sobretudo ponto de abastecimento onde se retemperavam as forças de quem prossegue. No fundo, talvez pelas mesmas razões, é a referência mundial da navegação de recreio que hoje quase o monopoliza.

Até à construção do aeroporto em Castelo Branco, o porto da Horta era a única porta de entrada da Ilha e o seu principal factor de desenvolvimento, abstraindo a forte actividade conexas com a Ilha do Pico, o que vinha de “fora” ou para “fora” ia, vinha ou ia no vapor. No vapor que trazia a peça de fazenda que na loja tinha sido anunciada com o clássico “*estamos à espera no próximo vapor*”, como vinham os livros, as revistas, as novidades e as pessoas. Nesta troca de coisas chegadas e “a mandar lá para fora”, uma entidade velha como o povoamento da Ilha, assegurava o equilíbrio económico e apurava a receita fiscal com que se melhorava a vida dos cidadãos. Refiro-me à Alfândega da Horta (hoje Delegação Aduaneira) que cobrava um montante significativo das receitas locais. Eram os citados 1,5 % sobre as importações e exportações, com excepção da laranja para as quais se reservava a taxa

de 200 réis a caixa, os emolumentos cobrados pelo registo dos navios entrados e alvarás de saída concedidos, etc.

Quando o poder se estrutura e se começaram a organizar as sociedades do mundo a que pertencemos, as Alfândegas são dos primeiros organismos que o poder põe a funcionar para angariar as receitas que o exercício do próprio poder pressupõe. Em Lisboa a Alfândega foi instituída pelo foral que D. Afonso Henriques concedeu à cidade em Maio de 1179. Nos Açores, quando das capitánias, é de presumir que fossem os capitães donatários os organizadores e beneficiários das receitas cobradas.

Com o advento do liberalismo, as Alfândegas foram modernizadas e organizadas sendo expressão da soberania do território em cuja fronteira se encontravam. Nas Ilhas, as fronteiras com o “*estrangeiro*” coincidem em absoluto com os portos e só modernamente os aeroportos vieram partilhar essa característica.

Vindo do alto mar, terra de ninguém, as mercadorias chegavam a terra de alguém que concedia a autorização de entrada mediante o pagamento de uma taxa. Este procedimento, era de tal modo tido como expressão de uma soberania que, como se sabe, D. Pedro, ex Imperador do Brasil, mais tarde D. Pedro IV de Portugal, ao chegar ao Faial, foi à Alfândega conferir a tesouraria executando assim um acto de puro simbolismo soberano. A expressão soberana dos direitos aduaneiros, cobrados na importação ou na exportação de mercadorias, não tem nada de obsoleto. Ainda hoje, um rendimento substancial da União Europeia provém da cobrança dos direitos aduaneiros que constituem recursos próprios comunitários. Vem tudo isto a propósito do papel da Alfândega no desenvolvimento da sociedade faialense através dos tempos, como factor determinante e essencial à compreensão do evoluir da nossa economia (para além das histórias picarescas passadas com sacas da América ou este ou aquele fardo de borraça na época da “*comida apanhada*”).

A Direcção-Geral das Alfândegas não promoveu nenhum estudo orientado no sentido de vir a perceber-se qual o papel que teve no desenvolvimento económico dos Açores ou de qualquer das ilhas em que esteve implantada.

Assim, parece ser urgente analisar a história da Alfândega da Horta, pelo estudo dos documentos que nos possam dar uma noção exacta dos ciclos económicos do Faial, desde o tempo em que se enviava “*lá para fora*” pastel, caixas com laranjas que ajudaram a pagar o molhe da doca ou o vinho que do Pico pela Horta saía em busca de famosos bebedores do continente europeu até aos nossos dias, em que pouco ou nada se exporta. Tudo isto são coisas da nossa identidade que não se pode deixar que o tempo esfume. E que os arquivos e outros espólios se degradem ou desapareçam.

Hugo Guerra

Hugo Manuel Silva Guerra



Natural do Faial (Angústias, 1940). Antigo Aluno (1951). Licenciado em Direito (exerce advocacia em Lisboa). Foi funcionário da Caixa Geral de Depósitos, do Cofre de Previdência do Ministério das Finanças e da Alfândega de Lisboa. Durante a longa carreira aduaneira (30 anos) foi incumbido de diversas missões, em Estrasburgo, no Conselho da Europa (Grupo Pompidou), Roterdão, Bruxelas, Portsmouth,

Salónica, Dublin, Brighton, Gent e Luanda. Participou na adequação ao direito comunitário das Alfândegas Portuguesas. Já aposentado, colaborou com a Comissão para a Reorganização dos Serviços Aduaneiros. A convite da Polícia Judiciária integrou os trabalhos sobre o crime aduaneiro, num encontro europeu (Programa Falcone). Interveio no Mestrado da Escola Náutica sobre a actividade aduaneira nos portos. Como membro da Sociedade de Geografia de Lisboa, integrou o Conselho de Redacção do respectivo Boletim e foi Vice Presidente da Secção de Transportes. Tem colaboração dispersa na comunicação social, em particular, nos jornais Diário de Notícias e Público.

ÓRGÃOS SOCIAIS

Lista eleita na Assembleia Geral de 14 de Abril de 2010 para os órgãos sociais da Associação no mandato 2010-2012

Assembleia Geral:

Aurélio Machado; António Soares; Marta Silva.

Direcção:

Henrique Melo Barreiros; José Maria Duarte; Manuel Forjaz; Eduardina Rocha; Raul Rocha; Rui Braga; Valdemar Porto.

Conselho Fiscal:

Paulo Madruga; Jaime Neves; F. Machado Joaquim.

COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA REPÚBLICA



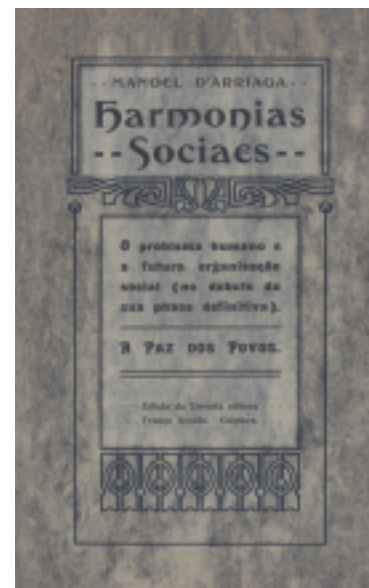
Nas iniciativas desta primeira fase do ciclo comemorativo seguiu-se o desígnio anunciado (ref. boletim 21). Retomaram-se os fundamentos de trabalhos anteriores. Mas houve uma escolha para esta circunstância – o pensamento republicano de Arriaga.

▶ FAIAL, 17 DE MARÇO

Assembleia Legislativa promove sessão solene



Primeira Memória Filatélica



Teatro Fayalense. Na mesa, da esq. p/ dir., Presidente da Associação, Presidente da ALRAA, Vice-Presidente do Governo Regional e Prof. J.L. Brandão da Luz, orador convidado que proferiu a conferência **Manuel de Arriaga e a República em Portugal** e apresentou a obra **Harmonias Sociais** (1907), reedição lançada nesta sessão (com o patrocínio da ALRAA). O programa, conduzido por Luís Prieto, integrou um espaço com poesia, coordenado por Vítor Rui Dóres (Carla Capela, Lídia Pombo e Teresa Barradas) e um momento musical por Isabel Dutra Rafael (violino) e Marcello Guarini (piano). A encerrar, a assinatura da peça filatélica (vide 1.ª pag.) que ficará no Museu da Pres. da República e no Museu dos CTT e em reserva para a futura Casa-Memória. Este inteiro postal deve-se ao empenho do Eng. Pedro Coelho, Vice-Presidente do Conselho de Administração dos CTT.

▶ FARO, 17 DE ABRIL

Presidente da Câmara na evocação de Arriaga



No Auditório da Biblioteca de Faro, Ruben Santos, Presidente da Casa dos Açores no Algarve (à dir.), recebe do Pres. da AAALH a medalha dos 150 anos do Liceu da Horta, elemento simbólico da participação dos “Antigos Alunos” nesta sessão. O orador convidado, Prof. Manuel Cândido Pimentel (à esq.) dissertou sobre **Arriaga – o Pensador e o Político**. O Eng. Macário Correia, que presidiu à sessão, fez uma alocução sobre a efeméride. Registrou-se um momento de poesia (Salomé Horta, João Ornelas e Gabriela Santos) e um apontamento musical (Maryam Yanchik)

▶ LISBOA, 28 DE MAIO

Neta de Manuel de Arriaga na Casa dos Açores



O Prof. Brandão da Luz proferindo a conferência **Harmonias Sociais – O pensamento republicano de Arriaga**. Na mesa, ainda, Teresa Arriaga, o Presidente da Casa dos Açores, Miguel Loureiro, que presidiu à sessão, e a Mestre Joana Gaspar de Freitas que analisou **Porquê recordar Arriaga hoje?** O Pres. da AAALH aludiu ao percurso da Associação nas comemorações e Raul Rocha interveio sobre a emissão pelos CTT de uma peça filatélica, no quadro actual das vocações da empresa. Seguiu-se um momento de poesia por Conceição Macedo, acompanhada à viola por João Pimentel.

Teresa Arriaga esteve de novo connosco, a evocar o avô. Do alto dos seus 95 anos e da lucidez das suas memórias, recordou-o no carácter e na sensibilidade poética.

▶ A pensar no centenário da eleição do Primeiro Presidente

A concretização do projecto da Casa-Memória será um dos momentos altos das comemorações. Podendo vir a acontecer no centenário da eleição do 1.º Presidente (24/08/2011). Por isso, a Associação acompanha com a melhor atenção os trabalhos das entidades responsáveis.



Aspecto do projecto de reconstrução do Solar dos Arriagas (Imagem cedida pela DR da Cultura)

- A petição sobre a reabilitação integral (com jardins e quinta) do Solar dos Arriagas (vide boletim nº 21), foi bem acolhida na Assembleia Legislativa. A Comissão dos Assuntos Sociais ouviu as partes e elaborou um relatório circunstanciado. Aprovou a “subida” deste processo a plenário. E congratulou-se por o Governo Regional estar a tratar do assunto (relações com a Diocese e projecto paisagista). Na reunião plenária todos os partidos se pronunciaram favoravelmente.
- Da reconstrução do edifício sabe-se da sequência seguinte – entrega do projecto; lançamento do concurso para a obra; escolha da empresa construtora. Aguarda-se o início dos trabalhos.
- A Associação convidou os Antigos Alunos formados em Arquitectura, residentes no Faial (Carlos Garcia, A. Martins Naia, Pedro Porteiro, Paulo Oliveira), para integrarem uma comissão de aconselhamento sobre a evolução da Casa-Memória (1.ª reunião realizou-se em 26 de Maio). Entretanto, foi solicitado o acesso à documentação sobre as fases em curso.

PRÉMIO LICEU DA HORTA



Os "Antigos Alunos" participaram na sessão do Dia da Escola (14/05/2010), com a entrega dos prémios da 12.ª edição do concurso "Liceu da Horta" dirigido a estudantes do 12.º ano. A Presidente do Júri, Dr.ª Zoraida Saldanha do Nascimento, na sua intervenção referiu-se ao significado formativo do "prémio" (exigência da organização do curriculum vitae) e ao esforço realizado pelos membros do júri na análise dos processos dos concorrentes (Ilídia Quadrado da Escola Secundária, J. Costa Pereira do Núcleo Cultural, M. J. Sequeira da Associação de Pais e Vítor Medeiros da Direcção Regional do Desporto). A seguir foram entregues as importâncias asseguradas pelo patrocínio dos CTT aos três concorrentes com melhor currículo:

- 1.º - Maria Bairos Menezes (500 euros)
- 2.º - Pedro Miguel Matos Valim (300 euros)
- 3.º - Sofia Alves de Sequeira Mendóça Frazão (200 euros)



Zoraida Saldanha na sessão do Dia da Escola em representação dos "Antigos Alunos" atribuiu o Prémio Liceu da Horta.

Patrocínio



TERTÚLIA SÉNIOR



A Universidade Sénior, com a colaboração da Sociedade Amor da Pátria, lançou uma nova área – a Tertúlia Sénior do Faial – de abertura à participação cívica em debates que procuram reanimar uma antiga tradição da sociedade faialense.

A primeira série de sessões (6) teve lugar de Janeiro a Junho, mensalmente, sob a temática geral *A CULTURA NOS MEIOS PEQUENOS*. Foram abordados os seguintes assuntos:

- Evocação do percurso cultural do Dr. Silva Peixoto (Mário Frayão, Fernando Faria, Carlos Lobão) (20/01/2010);
- A propósito da obra *A Geração do Vulcão* (Alzira Silva e Carlos Lobão) (24/02/2010);
- Das pequenas adegas a património da humanidade no Pico (Fernando Menezes e Manuel Serpa) (25/03/2010);
- A música que se faz no Faial (V. Rui Dores, Yuri Pavchinski, José Amorim) (28/04/2010);
- Da história do Porto da Horta – Peter/Café Sport, um bar do mundo (José Decq Mota, José Henrique Azevedo, João Carlos Fraga, Carlos Goulart) (28/04/2010);
- A cultura na Horta na 2.ª metade do séc. XIX – dinâmicas e constrangimentos (A propósito da tese de mestrado de Carlos Lobão). Em colaboração com o Núcleo Cultural da Horta (J. Costa Pereira e Carlos Cordeiro, Professor da Univ. dos Açores) (16/06/2010).

PROTOCOLO NO ALGARVE



Celebrou-se um protocolo de cooperação entre a Associação e a Casa dos Açores no Algarve, em Faro (17/04/2010).

O protocolo destina-se a constituir a Casa dos Açores como delegação da AAALH na região do Algarve. Ficou estabelecido, ainda, a divulgação das actividades de cada uma das partes pela outra e a realização de iniciativas conjuntas.

Assinalando a assinatura deste protocolo realizou-se o 1.º convívio, que teve lugar na Casa do Alentejo, em Faro.

O texto do protocolo pode ser lido na página www.ahorta.net.

CONVÍVIOS



Lisboa – Porto de Recreio de Oeiras – (19/06, Peter/Café Sport, 19.30h).

Faial – Encerramento das actividades 2009/2010 da Universidade Sénior (30/06, Barão Palace, 19.30h).

Faial – Homenagem aos ex-cabografistas em Portugal e na diáspora. (30/07, Hotel Fayal, 20.00h).

Faial – Caloiros de 1960 (15/08). Contactos: Carlos Naia 966872539; Valdemar Porto 968077838.

Pico – 8.º Encontro (Madalena, Agosto, data a combinar; org. Manuel Paulino 964488638).

Toronto – 24.º Encontro de AA's da Costa Leste e Canadá (10/10. Lusitânia S. Clube, 14.00h).

PRÓXIMA INICIATIVA



No último Boletim foi divulgado o movimento lançado em 2009 pela Comissão *ad hoc* de antigos cabografistas, para reabilitar as memórias das Companhias de cabos submarinos e preparar um projecto de museu. Concluiu-se assim a notícia – "O verão de 2010 será o tempo do grande balanço. Em cooperação com o Museu da Horta. Uma exposição e um colóquio".

O PORTO DA HORTA NA HISTÓRIA DO ATLÂNTICO O TEMPO DOS CABOS SUBMARINOS

Colóquio

Faial, 30 de Julho de 2010
Auditório da Biblioteca João José da Graça

ANÁLISE HISTÓRICA E MEMÓRIAS

António José Telo

O enquadramento estratégico do Porto da Horta – Passado e Futuro

João Confraria e Luís Oliveira

As concessões de cabos submarinos na Horta

Francisco Silva

O tempo tecnológico dos cabos submarinos no Faial

Ricardo Madruga da Costa

A relevância do Faial na construção da civilização atlântica

Katja Grötzner Neves

Os cabos submarinos e a sociedade global
Raízes do cosmopolitismo do Faial

Carlos Silveira

Tempos e memórias do cabo submarino

Yolanda Corsepis

As colónias estrangeiras dos cabos submarinos
na projecção do Faial

José Duarte da Silveira

Os cabografistas faialenses no mundo
O museu dos cabos submarinos nas memórias da diáspora

Exposição

A HORTA DOS CABOS SUBMARINOS

ORGANIZAÇÃO

PATROCÍNIO



ANACOM

AUTORIDADE NACIONAL DE COMUNICAÇÕES



Assoc. dos Antigos Alunos do Liceu da Horta

Casa dos Açores

Rua dos Navegantes, 21 – 1200-729 LISBOA

www.ahorta.net – ruibraga@iol.pt (site)
melobarreiros@gmail.com (direcção)



TEÓFILO, SA.

Experiência de um passado
Projectada no futuro